



# Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveira Salazar, 21 — Leiria. Administração: Santuário da Fátima, Cova da Iria, Composto e Impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa N.

Com a peregrinação do dia 13 de Dezembro findo ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima na Cova da Iria terminaram as peregrinações mensais do corrente ano a essa estância de graças e de milagres.

O dia 13 de Dezembro foi um dia lindo e ameno, como de primavera, intercalado entre dois de firmamento coberto de nuvens e

## A Peregrinação de dezembro, 13

de Turim, fundador e superior do Seminário de Nossa Senhora da Fátima.

Este Instituto de formação eclesiástica e missionária foi há pouco instalado em local conveniente, próximo do recinto do Santuário, por iniciativa daquele inteligente e piedoso sacerdote incumbido pelos seus superiores com a aprovação da Santa Sé de tão importante como delicada missão. Os alunos dessa prestimosa instituição, digna da protecção e auxílio de todos os católicos e de todos os bons patriotas, são destinados ao serviço das Missões na nossa província de Moçambique.

O grande estrado em torno do altar estava apinhado de homens e rapazes e os demais peregrinos enchiam o corpo da Igreja.

Diante do altar-mor, na parte inferior, viam-se os 15 doentes previamente inscritos nesse dia no respectivo registo do Posto das verificações médicas do Santuário.

Cantou-se a Missa de *Angelis*. Esteve ao harmónio o rev. P.º Augusto de Sousa, novo pároco da freguesia da Fátima.

Foi o celebrante que deu a bênção eucarística aos doentes individualmente e em seguida a todo o povo.

Fêz a homilia durante a Missa o rev. cônego dr. José Galamba de Oliveira.

O rev. cônego dr. Manuel Marques dos Santos, Vigário Geral de Leiria, fêz as invocações do costume durante a cerimónia da bênção dos doentes, e leu a fórmula da consagração ao Imaculado Coração de Maria.

Por último efectuou-se a procissão em que foi reconduzida a Imagem de Nossa Senhora da Fátima para a sua capela, começando logo a multidão a dispersar.

Pela manhã, antes de se iniciarem os actos religiosos oficiais, chegou ao Santuário o Senhor Bispo de Cabo-Verde que celebrou o Santo Sacrifício da Missa. *Visconde de Montelo*

de chuva quasi continua. Talvez por isso mesmo essa peregrinação, sem deixar de ser uma peregrinação de inverno, foi relativamente numerosa — um pouco mais que no mês anterior, havendo também mais comunhões.

As 11 horas, já era bastante elevado o número deromeiros que se encontravam no recinto do Santuário.

Reinaram por toda a parte uma ordem e um sossego notáveis, edificando sobremaneira a piedade e o recolhimento dos fiéis, quer durante as cerimónias

religiosas oficiais quer fora delas. Ao meio-dia, rezou-se o terço em comum, como de costume, junto da capela das Aparições. Organizou-se em seguida a procissão com a veneranda Imagem de Nossa Senhora da Fátima daquele local para a Basilica onde ficou no seu andor em frente do altar provisório da Capela-mór. Ai se celebrou a Missa dos doentes e se efectuaram os outros actos religiosos habituais. O celebrante foi o rev. P.º João de Marchi, religioso da Congregação de Nossa Senhora da Consolação



Um grupo de peregrinos — grandes e pequenos — na Fátima

## ACÇÃO CATÓLICA Caridade e altruismo

A caridade, como o Senhor a ensinou, nasce do amor de Deus. Por isso é universal, e tão larga como o próprio amor divino. O Senhor não preceitua apenas que nos amemos como camaradas, ligados por laços de solidariedade humana, nem como irmãos que procedem do mesmo tronco. Mais do que isso, que aliás é já muito, ordena que nos amemos como ele próprio nos amou.

Ora Jesus amou-nos até ao fim, até derramar por nós o seu sangue salvador.

Já se escreveu, com razão, consistir a caridade menos em dar o que se tem do que dar o que se é. Podem os outros não ter necessidade dos nossos bens. Do que precisam sempre é de pedaços do nosso coração. E acrescenta-se, com profundidade, que poucas vezes a caridade exige que se dê a nossa vida, mas sempre que se dê da nossa vida.

Por isso, não existe caridade onde falta o sacrifício. «É necessário que haja gotas de sangue na doação do nosso amor».

Pela origem, pela natureza, pela extensão, a caridade é distinta da simples solidariedade humana, que se canta entusiasticamente em ditirambos sonoros.

Enquanto a caridade se fundamenta na paternidade divina, na redenção de todos os homens pelo sacrifício de Cristo, na participação de todos os cristãos nos tesouros inexauríveis da graça, no destino comum sobrenatural da glória, a solidariedade humana, que se reduz a vago altruismo neutral, prescinde de Deus e encontra o próprio homem, despido das luzes da fé.

Esse o motivo por que a filantropia só consegue a união dos homens na medida em que serve o interesse. Nela é ainda o homem que se encontra a si mesmo, em lugar de encontrar a Deus.

E, como o interesse de uns colide geralmente com os interesses dos outros, é vulgar topar com desavenças odiosas e com sinistros crimes por detrás de palavras ardentes de solidariedade. Em ocasiões difíceis a afeição cede o lugar à aversão, que é impertinente e cruel.

Os factos de todos os dias estão aí a proclamar a verdade do dito espiritual dum escritor célebre: «Nunca o sangue correu mais abundantemente, nunca os homens se metralharam com mais ferocidade do que nas horas exaltadas em que se arrogam o dever de vingar a liberdade e a fraternidade».

Pode observar-se que nem sempre os católicos dão provas de caridade evangélica, e que até muitas vezes são tão duros e facciosos como os que são mais facciosos e mais duros. A verdade porém é que, procedendo assim, são simplesmente apóstatas da fé cristã.

Lindas e profundas as seguintes palavras do Padre Plus, que todos, e principalmente os associados da Acção Católica, temos o dever de meditar e de viver: «Todos estes humanos que nos rodeiam, de perto, e de longe, e com quem estamos em relações perpétuas, são nossos consangüíneos em Cristo, e muitos deles são nossos irmãos pelo baptismo».

† MANUEL, Bispo de Helenópolis

## OS CRUZADOS DA FÁTIMA

A Pia Obra dos Cruzados da Fátima é a mais admirável de auxílio à Acção Católica existente em todo o mundo.

Em nenhum outro país a Acção Católica recebe tantos auxílios de ordem espiritual e material.

Todos os dias no Santuário da Fátima se celebra uma missa pelas intenções da Acção Católica. Em todo o país celebraram-se até hoje mais de 50.000 missas pela mesma intenção.

Que grande, que magnífico e abundante arsenal de orações em prol dos que trabalham na Acção Católica!

Parece impossível como se conseguiu com dois tostões por mês pagar um jornal, dar esmola para tantas missas e guardar ainda umas migalhas para as colossais despesas da Acção Católica.

E realmente nos últimos tempos os dois tostões já não chegam.

O papel subiu para mais do As jornas quasi para o dôbro. Aumentou a taxa da esmola das missas.

Aumentaram muito as despesas da Acção Católica para cujo auxílio os Cruzados nasceram.

Por isso resolveram os Senhores Bispos que, a partir deste mês de Janeiro, a quota dos Cruzados da Fátima passe a ser de cinco tostões por mês (50 centavos).

Damos esta notícia na «Voz da Fátima» certos de que nem um só Cruzado da Fátima deixará de fazer esse pequeno sacrificio.

Todos a uma vamos trabalhar para que muitos outros compenetrados dos seus deveres de católicos se inscrevam desde já como Cruzados da Fátima.

Para isso dirijam-se ao Rev. Senhor Prior ou Abade da sua freguesia,

# Estatutos da Pia União dos Cruzados da Fátima

(Obra anexa à Acção Católica Portuguesa)

Semana das Missões  
no  
Império Português  
sob a protecção do  
**BEATO JOÃO DE BRITO**

Ainda há 10.000.000 de infelizes nas nossas colónias!

Quando a SS.<sup>ma</sup> Virgem disse em Fátima que N. Senhor era muito ofendido não se referia só à Metrópole mas a todo o Império Português.

Como podem aquelles 10 milhões de almas amar a Nosso Senhor se nem sequer O conhecem?

É para lhes valer que se vai realizar a Semana das Missões de 28 de Janeiro a 4 de Fevereiro. Todo o cristão português deve tomar parte nela:

- 1) Orando e comungando por aquelas almas;
- 2) Oferecendo por elas a Novena do B. João de Brito;
- 3) Lendo e divulgando a imprensa missionaria;
- 4) Auxiliando, segundo as suas possibilidades, as missões portuguesas.

## Império das meias

Av. Almirante Reis, 173-D — LISBOA

A primeira casa do país em meias de péguas!...

E via pelo correio para a PROVINCIA e ILHAS, os saldos exclusivos DE MEIAS BARATAS!

Meias seda, muito finas, saldo 7\$90  
Meias seda gase, finissimas 11\$50 e ... 9\$00  
Meias algodão c/ bom reforço 2\$50 e ... 2\$20  
Meias escócia, fortes 7\$50 e 4\$50  
Meias linho autêntico, muito finas, 11\$50 e ... 9\$50  
Meias seda tipo natural, tons distintos 24\$50 e ... 21\$50  
Confiem V. Ex.<sup>as</sup> na escolha dos n.ºs/artigos  
Atendemos todos os pedidos c/ a maior atenção.

## TIRAGEM DA «VOZ DA FATIMA»

NO MÊS DE DEZEMBRO

Algarve ... ..	8.854
Angra ... ..	21.579
Aveiro ... ..	9.511
Beja ... ..	5.978
Braga ... ..	82.473
Bragança ... ..	13.672
Coimbra ... ..	16.303
Évora ... ..	4.999
Funchal ... ..	14.266
Guarda ... ..	18.200
Lamego ... ..	11.736
Leiria ... ..	14.701
Lisboa ... ..	15.850
Portolegre ... ..	14.227
Pórtô ... ..	52.963
Vila Real ... ..	25.580
Visu ... ..	11.045
<b>Total ... ..</b>	<b>341.937</b>
Estrangeiro ... ..	3.922
Diversos ... ..	11.561
<b>Total ... ..</b>	<b>357.420</b>

Para conhecimento de todos publicamos os Estatutos da Pia União dos Cruzados de N.ª Senhora da Fátima com as modificações que os Senhores Bispos introduziram na reunião que efectuaram no Seminário Patriarcal dos Olivais em 15 de dezembro de 1944.

### Instituição, fins e meios

Art.º 1.º — É instituída no Santuário da Fátima uma Pia União intitulada «Cruzados de Nossa Senhora da Fátima».

§ único — Esta Pia União é uma associação auxiliar da Acção Católica em Portugal e tem como órgão oficial o jornal «Voz da Fátima».

Art.º 2.º — A Pia União tem por fim:

- 1.º — promover a santificação dos próprios membros;
- 2.º — interceder junto de Nossa Senhora da Fátima pelas necessidades da Acção Católica, especialmente em Portugal;
- 3.º — colaborar, especialmente, pela oração e pela esmola, com a Acção Católica para a dilatação do reino de Deus;
- 4.º — orar pelos associados; pelas almas do Purgatório, especialmente dos associados falecidos; pela conversão dos pecadores; pelos doentes e por todas as necessidades espirituais e temporais recomendadas a Nossa Senhora da Fátima; pelas missões entre cristãos e infelizes, especialmente nas colónias portuguesas.

Art.º 3.º — Para conseguir os seus fins a Pia União:

- I — Exige dos seus membros:
- a) que procurem viver cristãmente;
  - b) que paguem por uma só vez a soma a que alude a alínea a) do art.º 5.º, ou contribuam com as cotas mínimas a que se referem as alíneas b) e c) do mesmo artigo.

II — Aconselha aos seus membros:

- a) a recitar todos os dias, sendo possível em público ou em família, o Terço de Nossa Senhora e aplicá-lo pelas intenções da Pia União constantes do art.º 2.º;
- b) a comungar frequentemente, pelo menos, se lhes for possível, todos os meses, e a assistir ao Santo Sacrifício da Missa no dia 13 de cada mês, em união com os peregrinos da Fátima;
- c) a trazer consigo o distintivo próprio dos «Cruzados da Fátima».

III — Proporciona aos seus membros:

- A) O direito de receberem a «Voz da Fátima».

B) a participação:

- a) numa missa que diariamente se celebra no Santuário da Fátima pelas intenções constantes do art.º 2.º;
- b) nas missas mandadas celebrar em cada Diocese, em harmonia com o disposto no art.º 13 § único;
- c) em todos os actos de piedade e caridade realizados por intermédio da Pia União;
- d) nas orações especiais que pelos associados se farão em todas as peregrinações no dia 13 de cada mês.

C) Além dos privilégios e indulgências que venham a ser concedidos pela Santa Sé, 300 dias de indulgências cada vez que recitem qualquer destas jaculatórias:

- «Nossa Senhora da Fátima, protegi o Santo Padre».
- «Nossa Senhora da Fátima, protegi o nosso Episcopado e o nosso Clero».
- «Nossa Senhora da Fátima, protegi a Acção Católica».

IV — Procurará contribuir, por meio dos organismos da Acção Católica, para a criação, sustentação e federação de:

- a) obras de formação e acção religiosas;
- b) obras de educação e ensino;
- c) obras de imprensa;
- d) obras sociais;
- e) obras de assistência e beneficência.

### Associados, suas categorias e agrupamentos, direitos e deveres

Art.º 4.º — Podem ser associados da Pia União todas as pessoas que o desejem e cumpram as disposições canónicas aplicáveis e as destes estatutos.

§ 1.º — Os admitidos serão inscritos no Registo da Pia União em harmonia com o respectivo regulamento.

§ 2.º — Para efeito de participarem das vantagens espirituais enumeradas no n.º III alínea B) do art.º 3.º, poderão também ser inscritos nos registos da Associação os nomes das pessoas falecidas, contanto que alguém por elas satisfaça as exigências declaradas no n.º I do mesmo artigo, alínea b).

Art.º 5.º — Os associados terão a designação de «Cruzados da Fátima» e dividem-se em três categorias:

- a) remidos, isto é, os que dão por uma só vez ao menos 200\$00;
- b) benfeitores, isto é, os que contribuem com a cota mensal mínima de Esc. 5\$00.
- c) ordinários, isto é, os que contribuem com a cota mensal mínima de 50 centavos.

Art.º 6.º — Os Cruzados de cada Paróquia serão divididos em grupos de treze, denominados «Trezenas da Fátima».

§ 1.º Os Cruzados, qualquer que seja a sua categoria, têm direito, em harmonia com o art.º 3.º n.º III, alínea A), a receber dos respectivos colectores locais a «Voz da Fátima».

§ 2.º As cotas dos Cruzados serão recolhidas por colectores locais e em tempo oportuno enviadas ao Conselho Diocesano, em harmonia com o respectivo Regulamento.

Art.º 7.º — Os principais direitos e deveres dos associados são os que se encontram especificados no art.º 3.º.

§ único — Os associados que não satisfaçam durante oito meses consecutivos as respectivas cotas serão eliminados dos registos da associação.

### Direcção e Administração

Art.º 8.º — A Pia União será superiormente dirigida por Sua Ex.<sup>ma</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor Bispo de Leiria.

Art.º 9.º — A Pia União terá, sobretudo para efeitos de execução e administração, uma Comissão Nacional Executiva.

Art.º 10.º — Em cada Diocese haverá um Director e um Conselho Diocesano que o assista, nomeados e destituídos pelo respectivo Prelado.

§ único — De acordo com o Ex.<sup>mo</sup> Ordinário, o Director Diocesano fará a organização, a administração e a propaganda da Pia União da Diocese, tendo em vista os Estatutos e os Regulamentos da Pia União.

Art.º 11.º — Poderá haver em cada Arceparóquia, assim como em cada freguesia, um Delegado da Pia União, respectivamente concelhio e paróquial, nomeado pelo Ex.<sup>mo</sup> Prelado, cujas atribuições constarão dos respectivos Regulamentos desta Associação.

Art.º 12.º — Em cada freguesia haverá um ou mais colectores, nomeados pela autoridade competente.

§ 1.º A frente de cada uma das trezenas a que se refere o art.º 6.º estará um colector com o título de «Chefe de Trezena» competindo-lhe principalmente:

- a) receber mensalmente os números necessários da «Voz da Fátima» e distribuí-los aos Cruzados da respectiva trezena;
- b) cobrar as cotas mensais e enviá-las de quatro em quatro meses, por si ou por meio do Delegado Paróquial, ao Director Diocesano da Pia União.

Art.º 13.º — Em cada Diocese, ficará metade do produto das cotas co-

bradas no respectivo território e a outra metade será remetida à Comissão Nacional Executiva a que se refere o art.º 9.º.

§ 1.º Das quantias que ficarem em poder de cada Diocese serão deduzidos 10%, que serão sempre empregados na celebração de missas pelas intenções constantes do art.º 2.º e o restante será entregue à Junta Diocesana da Acção Católica para os fins consignados no artigo 3.º n.º IV.

§ 2.º Das quantias recolhidas pela Comissão Nacional Executiva serão deduzidas as despesas gerais da sua administração, e o restante será entregue à Junta Central da Acção Católica para os fins consignados no art.º 3.º n.º III alínea B) a) e n.º IV.

Art.º 14.º — Os Conselhos Diocesanos, depois de terem prestado todos os anos contas da própria administração ao seu Ex.<sup>mo</sup> Prelado, enviarão à Comissão Nacional Executiva um balançete de receita e despesa da sua gerência.

Art.º 15.º — A Comissão Nacional Executiva prestará também todos os anos contas ao Ex.<sup>mo</sup> Senhor Bispo de Leiria do modo como foram administradas e distribuídas as quantias recebidas.

### Disposições gerais

Art.º 16.º — A Pia União poderá estender a sua organização e actividade específica a todas as Dioceses do Continente e Ilhas adjacentes.

Art.º 17.º — A Pia União não poderá ser extinta nem os seus Estatutos modificados sem a prévia anuência de todos os Ex.<sup>mos</sup> Prelados Diocesanos do Continente e Ilhas.

Art.º 18.º — Em nenhuma Diocese do Continente e Ilhas adjacentes, poderá ser fundada outra obra análoga à Pia União, «Cruzados de Nossa Senhora da Fátima» que tenha o mesmo título, fim ou instituto.

Art.º 19.º — As associações que, ao presente, existirem nas Dioceses do País e tenham por objecto a devoção a Nossa Senhora da Fátima serão dentro de dois anos integradas nesta Pia União.

Art.º 20.º — Os associados da «Confraria de Nossa Senhora da Fátima» passarão para a Pia União «Cruzados de Nossa Senhora da Fátima», e os remidos ficam gozando de todas as graças e privilégios desta.

§ único — Os estrangeiros com residência fora do território nacional podem formar núcleos sujeitos a um regime particular devidamente aprovado gozando todavia de todas as graças e privilégios desta Pia União.



**SALDOS DE SUCESSO!!**  
Todos Aproveitam!  
As nossas meias são sempre Mais Baratas!!!

Meias seda, finas, 2, saldo ...	6\$80
Seda gase, finissimas, saldo ...	8\$50
Meias seda fina; 1.ª escolha ...	10\$80
Gase finissimas, lote 1.º ...	12\$50
Meias gase, extra-finas ...	14\$00
Seda fina, tipo americano ...	28\$50
Meias escócia, bom artigo ...	7\$50
Meias altas p.ª eriança ...	7\$30
Meias escócia fantasia ...	5\$50
Peúgas fantasia c/ seda ...	6\$50
São nas Armazéns Populares da PRINCESA DAS MEIAS	
Rua do Crucifixo, 75-77 Lisboa (Próximo da Igreja N.ª S.ª da Vitória)	
O.ª linha cores p.ª roupa ...	8\$20
Opalinas e/ florinhas ...	11\$00
Bonitas sedas roupa: 183 e ...	16\$50
Casas para cortinas, metr. ...	8\$50
Tecidos cores p.ª cortinados ...	13\$80
Fazendas lã p.ª vestidos ...	17\$50
Fantasia c/ pelo, abaf. ...	9\$80
Veus pretos arredondados p.ª Igreja ...	17\$50
Veus tule bordados a seda ...	35\$00
Provincia e Ilhas, enviamos Amostras Grátis e tudo a contra-cambalão!!!	

## REMEDIO D.D.D.

(Uso externo)

É uma mistura normal de substâncias depurativas, cujo poder das suas propriedades terapêuticas combate



energicamente toda a variedade de doenças de pele, como:

MANCHAS, CHAGAS, FURÚNCULOS, ÚLCERAS, VARIZES, FERIDAS INFECTADAS, ECZEMAS,

PSORIASES, DERMATITE, PÊS DORIDOS, QUEIMADURAS e FRIEIRAS.

A VENDA NAS FARMÁCIAS E DROGARIAS

IMPORTANTE: Se preza a saúde e a frescura da pele, use um sabonete extra-puro, o sabonete inglês D. D. D.

**D.D.D. O Remédio para a pele**

## SALDOS!! Para Beneficência De meias, malhas e roupa

3 lotes meias seda gase muito finas 70\$00 9\$00 e ... 7\$90

Meias seda tipo natural 19\$80 e 16\$50

Meias algodão c/ reforço 2\$50 e 2\$20

Meias escócia forte 8\$50 e ... 5\$80

Meias linho fino 11\$50 e ... 9\$50

Peúgas de algodão forte 2\$80 e 2\$70

Peúgas fantasia fina 4\$50 e ... 3\$50

Blusas georgete estampado, lindos desenhos, c/mangas, liguadam-se por ... 50\$00

Camisas, bom zefir 19\$50 e ... 17\$50

Cuecas bom zefir 8\$70 e ... 8\$00

Fazendas lã para sala e casaco metro ... 18\$50

Camisas malha forte brancas 27\$50

Camisolas p.ª hom. 6/manga 10\$00

Casacos malha lã várias cores 7\$50 e ... 5\$950

Camisolinhas malha fantasia p.ª menina e menino 24\$50 e ... 22\$50 e muitos outros saldos.

Liquidação de sedas e outros tecidos

PROVINCIA e ILHAS, enviamos amostras e tudo pelo Correio Armazéns de

A Competidora das meias R. Arco Marquês do Alegrete, 39-1.ª LISBOA

NOVIDADES são um jornal moderno, de larga informação e de segura doutrinação católica.



Substitua os seus antigos quadros religiosos pelas lindas imagens que Topazio criou. São maravilhas de arte para presentes de distinção. Veja se tem gravada a marca original

**TOPAZIO**  
A venda nas ourivesarias.

## VAI CASAR?

Já pôs casa? Não lhe esqueceu nada? Comprou uma «BERNINA», a melhor máquina de costura?

Uma maravilha da técnica suíça. O custo duma «BERNINA» é uma insignificante parte do que ela produz e poupa.

Representante: DUNKEL & ANTUNES, LD.ª SOC. COMERCIAL DO OCIDENTE, S. A. R. Augusta, 56-1.ª — Lisboa

Revendedores: Rua Crucifixo, 76, 3.º (Ascensor)

## Medalhas Religiosas

encontra-se à venda no Santuário da Fátima, toda a edição das preciosas medalhas religiosas, assinadas pelo escultor

JOÃO DA SILVA

# Lição de aniquilamento e de humildade

Creche e calvário é o altar do Senhor onde todos os dias se renova o Seu nascimento e a sua Paixão e morte, onde todos os dias nos dá a divina lição de aniquilamento e humildade que tanto repugna ao nosso enraizado orgulho.

Há vinte séculos, o Deus Todo Poderoso, o Criador dos Mundos encarna a nossa pobre natureza e aparece aos olhos dos homens como uma humilde e indefesa criancinha reclinada na nudez de uma tosca manjedoura. O Deus infinitamente rico é nesse momento apenas o mais pobre dos pobres, que tem por leito uma pouca de palha, enquanto que não muito distante o filho de Herodes repousa em berço de ouro e marfim coberto de fina púrpura.

Mais tarde a humilhação é maior ainda no cimo do Calvário: o Justo por excelência é confundido com ladrões e assassinos, condenado à morte mais infame, humilhado e desprezado pelo povo.

Mas o mistério de aniquilamento toma as proporções do infinito no Augusto Sacramento da Eucaristia.

De facto, em Belém, os homens podiam contemplar ao menos a graciosidade de uma criancinha; no Calvário, a magestade do Homem das Dores. Mas sobre o altar nada disto fala aos nossos sentidos; nem o menor vestígio de grandeza, nem o mais leve sinal de vida. É a morte aparente ou antes, a insensibilidade e inércia da matéria.

E depois de se ter humilhado e aniquilado tanto, Jesus desce mais ainda, desce ao fundo da nossa miséria, dos nossos corações empedernidos e gelados que quer conquistar com a Sua humildade e doçura.

Doçura incomparável de Jesus, como ela adoça e pacifica as nossas inquietantes irritações.

Jesus-Menino é doce e humilde em

Belém quando, como qualquer criança, lança os Seus ternos vagidos que comovem profundamente o coração Maternal de Maria.

Jesus-Adolescente é doce e humilde na obediência com que em tudo se submete a Seus Pais, na vida singela de Nazaré.

Jesus-Apóstolo é humilde e doce, no decorrer da Sua vida pública através da Palestina. Tem sempre a paz nos lábios, no olhar, no coração que transborda de piedade e clemência para com os pobres pecadores. Não acaba de partir o junco semi-quebrado, nem extingue a mecha que fume ainda. Beatifica os mansos e diz-nos que aprendamos d'Ele que é manso e humilde de coração.

Jesus, o condenado do Calvário é doce e humilde diante dos próprios inimigos que se espantam com o Seu silêncio e mansidão.

Mas, se é possível, Jesus-Hóstia é ainda mais doce e humilde porque nela vai até à insensibilidade aparente da matéria.

O sacerdote toma-a, eleva-a e com ela traça o sinal da cruz. O ímpio profana-a, calca-a aos pés e ela não protesta nem se vinga. Pelo contrário, ora pelos seus novos verdugos e perdoa-lhes quando se arrependem.

Cordeiro de Deus, Doçura incomparável, Hóstia divina apaziguai as nossas revoltas, abatei o nosso orgulho, acalmái as nossas inquietações, e, à semelhança do Vosso, tornai manso e humilde o nosso pobre coração!

Virgem Santíssima, Mãe Amável, alcançai-nos de Jesus aquela doçura e humildade que penetraram e perfumaram a Vossa vida neste mundo, para que o doce olhar de Jesus poise complacente e misericordioso sobre as nossas almas que só no Seu Amor encontram a verdadeira paz e felicidade.

## « Socorro de toda a hora... »

Quando Dom Afonso Henriques chamou « Terras de Santa Maria » aos primeiros territórios que tomou aos mouros, foi Nossa Senhora a Madrinha da Nacionalidade portuguesa.

No andar dos tempos foi Portugal batido pelos ventos de todas as tempestades, e desses perigos por que passou triunfando venceu as ameaças por auxílio e graça de Santa Maria da Vitória.

O Infante Dom Henrique a quem chamaram o navegador, rezou a Nossa Senhora de Africa. E foi « Santa Maria » o nome predominante no baptismo de Ilhas e Nasas na época áurea dos Descobrimentos e Conquistas de Além-Mar. Os portugueses no alto mar invocavam Nossa Senhora da Bonança. E Maria anda no coração e na boca do povo, a propósito de tudo.

Quando Portugal resurgiu do domínio de Castela, El-Rei D. João IV fundador da dinastia de Bragança proclamou Padroeira de Portugal a Virgem da Imaculada Conceição.

E oferecendo a Nossa Senhora a sua coroa nunca mais se viram coroados os Reis de Portugal.

Em meio de guerras e pestes, quando do conflito mundial de 1914-1918, foi ainda Maria Santíssima que aparecendo na Fátima, veio salvar a nossa Pátria.

Da guerra de Espanha nos livrou também pela promessa de paz com que o seu doce sorriso apagava as chamas infernais que alastravam nas fronteiras. Do cataclismo actual nos vem poupando com cautelas de mãe amantíssima.

Hoje que o « Socorro de Inverno » está na ordem do dia, os pobres de Portugal conscientes de que devem à Senhora de Fátima o rosário dos milagres contemporâneos à frente dos quais pode bem colocar-se a acção de Salazar, pedem para Ele e para todos o « Socorro de toda a hora » que só vem à humanidade pela inspiração do Altíssimo e por feliz intermédio da Mãe de Jesus.

## Almanaque de N.ª S.ª da Fátima (1945)

Apareceu novamente com as suas 164 páginas cheias de utilidades, de mistura com contos, anedotas, charadas, adivinhas, etc.

Preço de cada exemplar 1\$00. Pelo correio 1\$30. Pedidos à Administração da revista «STELLA» — Cova da Iria (Fátima).

## LIVROS OFERECIDOS A «VOZ DA FATIMA»

- «Grandes portugueses», edição S. P. N. — Lisboa 1944.
  - 1.º «D. Fuas Roupinho».
  - 2.º — «Fernão Lopes».
  - «Almanaque de S. Pedro Claver» 1945, publicado pelo Sodalício de S. Pedro Claver, Lisboa.
  - «Roteiro de viagens feitas, no mar tormentoso das letras, por gentes de Leiria e seu termo» por Adelaide Eélix — ilustrações de Leonel Cardoso.
- Agradecemos os exemplares oferecidos.

## Calendário de N.ª S.ª da Fátima (1945)

Entrou no sexto ano da sua publicação. Constitui um elegante e delicado brinde de Natal. Preço de cada exemplar 1\$00. Pelo correio 1\$30. Pedidos à Administração da revista «STELLA» — Cova da Iria (Fátima).

# Graças de N.ª S.ª da Fátima

## AVISO IMPORTANTE

**Dora-avante todos os relatos de graças obtidas devem vir autenticados pelo Rev. Pároco da freguesia e acompanhados de atestados médicos quando tratem de curas.**

**De contrário não serão publicados.**

## NO CONTINENTE

**José Garcia Santos Ferreira**, Dom Durão, escreve: «Deve haver cinco ou seis anos que a minha filha Maria Angelina adoeceu com angina difterérica. Tratada cuidadosamente pelo médico com as injeções próprias, a nada cedia aquele mal.

Ante o estado melindroso da minha filha, recorri a Nossa Senhora da Fátima que prontamente me socorreu. A minha filha foi curada. Prometi tornar pública a graça na «Voz da Fátima» e a minha filha ficou assinante desse mensário, durante um ano.

**João Pereira**, Caranguejeira, diz que saíra de casa com a sua mulher e dois filhos, um menino de dois anos e uma menina de 4 anos de idade. Enquanto os pais trabalhavam junto de uma fábrica de serração, as crianças brincavam num caminho junto a uma encosta onde havia uma ruma de falcas de pinho que em certa altura começaram a rolar e se precipitaram em cima das criancinhas. Cada falca tinha um metro de circunferência. A pobre mãe gritou por Nossa Senhora da Fátima, ao presenciar aquele horror. Chegaram alguns homens que levantaram os madeiros e quando julgavam encontrar as crianças esmagadas, o menino apenas tinha uma leve ferida na cabeça; a menina é que estava em mísero estado. O médico nem sequer tentou fazer-lhe qualquer curativo, sentenciando que a pequena não duraria muito.

Entretanto, os pais não desanimam; confiam em Nossa Senhora da Fátima, e, decorridas três semanas, as crianças estavam curadas.

**D. Adelaide Monteiro**, Magrelos, diz que sua filha Maria Rosa, de 20 anos de idade, adoeceu gravemente com febre tifóide, em 23 de Setembro de 1942. Era tal o seu estado, que chegou a ser desenganada pelo médico. No dia 13 de Outubro, a aflita mãe pediu a Nossa Senhora da Fátima a cura para a sua filha, e foi atendida; nesse mesmo dia recebeu a última visita médica e em 3 de Novembro levantou-se pela primeira vez e sente-se completamente bem.

**D. Maria Amélia Barbosa Coelho**, de Lagares, Penafiel, narra a conversão de seu falecido irmão Artur Barbosa Coelho que era Vice-Presidente dos Bombeiros Voluntários de Cete. Muitos anos havia que andava arregrado completamente do cumprimento dos seus deveres religiosos. Adoeceu gravemente e não queria que lhe fizessem nos sacramentos. Sua irmã e sua tia D. Benilde da Purificação Marques Moreira, recorreram a Nossa Senhora da Fátima, pedindo-lhe a conversão daquele enfermo. Tal pedido foi feito a 19 de Março, recorrendo por isso também a S. José. No dia 25 de Março ao falecer de novo ao doente em se confessar, respondeu já que tudo se realizaria. Efectivamente, daí a dias, confessou-se, recebendo radiante os outros sacramentos e teve a morte de um justo.

**D. Maria Beatriz de Moura Coutinho de Almeida d'Éça**, Pórtó, escreve que uma pequena de 3 anos, Maria Antonieta, sua afilhada, adoeceu no dia 19 de Março de 1940. Perdeu os sentidos, e duas horas depois foi atacada de violentíssimas convulsões: cabeça repuxada para trás, olhos revirados, boca torcida, o lado direito paralisado. Era tal o seu estado que a sua mãe já pedia que Deus lhe levasse antes que deixá-la aleijadinha ou sem juízo. O médico diagnosticou um fortíssimo ataque de meningite. Foi num momento de mais angústia que se lembraram de recorrer a Nossa Senhora da Fátima, o que fizeram

com toda a fé e fervor, recorrendo também a S. José. Deram à menina água da Fátima. No banho, tiveram-na já por morta. Já no leito, deu ainda sinais de vida. Seriam 4 ou 5 horas da tarde cafu num sono profundo, apenas por momentos movia as mãos fazendo menção de rejeitar o capacete de gelo que tinha na cabeça e parecia incomodá-la. As 5 ou 6 da manhã — depois de dormir 12 ou 13 horas — despertou perfeitamente lúcida, esperta, fresca, como se nada tivesse tido!

Tudo foram espantos, até do próprio médico que não sabia explicar o sucedido, continuando, entretanto, na expectativa de uma repetição fatal que, afinal, se não deu. Como prometera foi já à Fátima agradecer a Nossa Senhora e hoje vem tornar público o seu reconhecimento por esta e tantas outras graças que a Mãe de Deus lhe tem alcançado.

**P.º António Alves Nogueira**, Abade de Esposende, escreve: «Uma criança de três anos de idade, natural de Fão, estava impossibilitada de andar, tendo sido ineficazes todos os recursos da medicina para combater o mal de que sofria. Sua mãe, Maria Martins Reis, recorreu a Nossa Senhora da Fátima, prometendo mandar uma esmola e ir com a sua filha à Fátima, quando ela estivesse em idade de fazer a primeira comunhão. Poucos dias depois da promessa, a criança principiou a andar.

**Maria Inês Soares**, filha legítima de Ermindo Soares e de Amélia Pereira, de 8 anos de idade, natural e residente nesta freguesia de Santa-Comba-de-Fornelos, concelho e arcebisado de Faie, da Arquidiocese de Braga, foi acometida de um ataque de meningite, há cerca de três anos, tendo o seu médico assistente declarado que não podia escapar, a não ser por milagre.

Em face desta declaração seus pais resolveram pedir a Nossa Senhora da Fátima a cura da mesma, o que obtiveram passados 8 dias, tendo prometido que iriam em peregrinação a esse Santuário, onde a menina faria a sua primeira comunhão.

Santa-Comba-de-Fornelos, 8 de Maio de 1941.

O pároco: **P.º Albano Gonçalves Vilela**

**José Hedefonso Nunes**, Pórtó, tendo sido acometido de uma grave doença que o reteve cerca de 6 meses internado num Hospital, vem agradecer a Nossa Senhora da Fátima a sua cura que a sua mulher lhe pediu com muita fé.

**Antonieta Ribeiro Pinto**, Pórtó, escreve: «Em vésperas de ser submetida a uma raspagem numa perna, fui à Fátima em junho do ano findo; a viagem de ida passei-a muito mal; lá encontrei-me tão bem que para cá, vim livre de dores. Fui ao médico e este achou completamente desnecessária a raspagem, pois estava curada.

Venho por este meio, reconhecida, agradecer a Nossa Senhora da Fátima».

**D. Maria Elvira Cardoso**, Lisboa, diz que o seu marido adoeceu com ataques de loucura tendo de ser internado numa casa de saúde; alguém principiou logo uma novena a Nossa Senhora da Fátima, prometendo publicar a graça se a obtivesse. Efectivamente, ao quarto dia da novena o seu marido saía da Casa de Saúde, completamente curado.

- D. Maria Braga**, Valpassos, José da Silva Carpinteiro, Fovoação.
- José L. Petejo**, Amorim.
- D. Maria do Jesus**, Chão-de-Couce.
- D. Maria Ferreira Botelho**, Escalões-de-Cima.
- D. Rosa Ribeiro dos Milagres**, Cambezes.
- D. Maria Cristina de Sousa Godinho Barata**, T. de Lages.
- José António Monteiro Torres**, Falmicão.
- Virgílio Silva**, Caminha.
- D. Ana da Silva Giesta**, Ermezinde.
- Manuel Gomes Carreira**, Ferreira-do-Zezere.
- D. Carminda Soares da Cruz**, Madalena, Chaves.
- D. Eulália Maria Silva**, Chaves.
- D. Maria Henriqueta de Oliveira Pinto**, Pórtó.
- D. Carminda Martins**, Mondim do Basto.
- D. Maria Lucena Miranda**, Agueda.
- Palmyra Duarte Pinto**.
- D. Carolina Ferreira da Silva**, Baquim-do-Monte.
- D. Ermelinda Pires**, Lisboa.
- D. Maria dos Santos Lopes**, Trancoso.
- D. Maria da Piedade Mendes Lopes**, Niza.
- D. Maria Rosa da Palma Sequeira**, Manuel Martins, Lamego.
- Maria da Conceição**, Aljubarrôta, Sebastião Dias, Fundão.
- Carlos Mendes Alves**.
- Augusto da Silva**, Brasil, S. Paulo.
- D. M.ª da Conceição Lourenço**, Y. N. de Miranda.

## CONTOS

### POR MARIA DE FREITAS

Acabamos de ler de um fôlego o livro em que a Nossa illustre colaboradora Snr.ª D. Maria da Soledade de Freitas juntou oito dos seus mais formosos contos.

O livro é editado pela Gráfica de Leiria a quem agradecemos a oferta e pelo seu preço (8\$00) e pelo prazer da leitura constitui uma admirável prenda para adultos e para crianças.

Não se podem ler sem profunda comoção estes oito contos recolhidos dentre tantos que o talento da notável escritora entra-da agora no mundo das letras vai semeando pelas páginas de várias publicações e alguns dos quais têm esmaltado de impercível beleza as páginas da «Voz da Fátima».

Tem-se editado nos últimos anos muitos livros de contos originais traduzidos ou adaptados. Muitos porém embora vestidos de boa linguagem não agradam.

Ou o assunto é infantil ou o ambiente exótico. Os Contos da Snr.ª D. Maria de Freitas escritos em forma impecável e em linguagem do mais elegante recorte literário têm a valorizá-los paisagens nossas conhecidas por serem de Portugal e um fundo tão humano, tão natural que até temos a tentação de os considerar como retratos da vida real.

As figuras são tipos vivos com as quais topamos a cada passo e por isso a narração empolga-nos e eleva-nos com crescente interesse e entusiasmo.

A capa, mimosa e fresca, convida à leitura.

Por tudo isso os nossos parabéns à Gráfica e à autora com os votos de que dentro em breve nos brinde com novas produções suas.

## Agradecem a Nossa Senhora da Fátima as graças recebidas

- D. Maria Amélia da C. Barros**, Darque.
- D. Maria da Conceição Belo**, Praia da V. (Açores).
- D. Joaquina Pires de Figueiredo**, Sabugal.
- Pároco** de Vila-da-Feira.
- D. Amélia da Conceição Oliveira**, Lisboa.
- D. Maria Laura Monteiro**, Pórtó.
- D. Rosalina Pereira da Silva**, Pesseguero-do-Vouga.
- D. Virginia S. Moreira**, Ponta Delgada.
- D. Adelina Correia de Araújo**, José António, Açoreira.

CONVERSANDO

PALAVRAS MANSAS

Natal de 1944 e Novo Ano de 1945

OBRA DE MISERICORDIA

Esta quadra de festas santas é sempre propícia a especiais pensamentos sobre a dignidade da natureza humana levantada pela infinita bondade de Deus que nela quis incarnar-se e habitar algum tempo entre nós para nos ensinar, prática e doutrinadamente, a melhor maneira de viver sobre a terra, em preparação de um estado superior de felicidade eterna. Na actual conjuntura, porém, o nosso espírito concentra-se doloridamente, pois circunstâncias novas acabam de emergir, mostrando-nos que faltamos em muito ao sacrifício divino com que assim fomos remidos e evangelizados.

Por um lado, guerras civis, como a da Grécia, já se antecipam à conclusão da Grande Guerra entre os Estados, quando, apesar de todas as esperanças, não se sabe ainda quando esta conclusão virá. Por outro lado, as dificuldades de acordo para um acondicionamento dos Estados pela paz são tão graves que Churchill, de incontestada autoridade na direcção do presente momento histórico, não hesitou em confessar, num dos seus últimos e mais solenes discursos, que o insucesso desse acondicionamento, a dar-se, ameaçaria de subverter a civilização do mundo.

Estas duas circunstâncias têm o condão de revelar-nos que estamos, no fundo, em presença de um novo tipo humano de menos sociabilidade, de uma atmosfera

de menos simpatia, de um estado colectivo de menos interesse pelo destino comum. Eis a triste realidade!

Diante da tragédia que deste modo se desenha já não há só, para proceder, que aguardar primeiro pelos resultados da Grande Guerra; há também que reagir, e com comunicativa diligência, sobre os costumes sociais, fazendo que os multiplicados e crescentes atractivos da civilização material não abafem a vida autónoma do espírito, sem a qual a possível felicidade se não obtém nem a dignidade se mantém. E isto consegue-se principalmente pela fixação da família dentro do lar e pondo-a em condições de se sentir aí, normalmente melhor que em qualquer outra parte.

Quanto mais o homem se dispersa na sua vida exterior, mais se desprende do seu poder de domínio interior.

Tem-se notado ultimamente na sociedade portuguesa, e semelhantemente na de outros Países, que as populações são mais insustentáveis, menos radicadas à casa de origem, do carácter menos vincado, de maior mobilidade no sentir e no pensar.

Para tanto contribuem os progressos na ordem material, sem correspondência de acompanhamento na ordem espiritual. Na escala dos divertimentos e distrações pode, de facto, entrar-se em concessões aos sentidos dentro de limites honestos; mas, com

a frequência, fica o jeito e passa-se facilmente ao gosto das coisas fúteis e ilusórias, enfraquecendo o carácter.

Pelo caminho destas concessões, sem a necessária vigilância pelo zelo dos valores morais da existência, é que as consciências se amolecem pouco a pouco, abafando a divina claridade que as iluminava; e também muitas famílias sentem partir-se em suas mãos a unidade moral que as constituía e que é o núcleo primário da ordem em todas as sociedades bem organizadas.

Das rijas pedras de que se faziam antigamente os lares já poucos se lembram e do interior de muitas casas parece ter desaparecido o ar de mútua confiança e dedicação em que pais e filhos bebiam juntos as melhores energias da vida.

Sem dúvida. O espírito humano aligeirou-se e é hoje mais móbil em toda a humanidade. As circunstâncias da Guerra, com todos os seus acontecimentos, são a este respeito, de uma eloquência impressionante.

Que os sentimentos de cristã confraternização, que, especialmente neste período do Natal ao Ano Bom, a Igreja nos sugere, despertem em todos nós e se realizem com brevidade, numa sólida e larga paz que seja de alegria para todos os Povos.

A. LINO NETTO

CRÓNICA FINANCEIRA

Hoje mais do que nunca se tem de fazer uso do princípio de que para bom entender, meia palavra basta. Quem lê jornais para se instruir do que se passa pelo mundo, tem de se contentar com meia palavra, às vezes com menos, porque em tempo de guerra nem tudo se pode nem deve dizer. De modo que os próprios leitores é que têm de tirar a lição dos acontecimentos e não podem esperar que os jornais lhe sirvam a papinha feita, como se costuma dizer, porque não estamos em tempo disso. Já é muito para agradecer que os jornais nos digam o que se vai passando pelo mundo de Cristo e depois... quem tiver ouvidos de ouvir, que ouça! Vem isto a propósito de certo leitor que nos disse que às vezes não entendia bem o que aqui escrevemos, porque resumíamos demais os assuntos. Ora se é verdade que temos de resumir porque o jornalzinho já é por si resumido, também é certo que às vezes não somos mais explícitos, mais prolixos, mais claros enfim, porque nem tudo se deve dizer, atendendo a que estamos em tempo de guerra. Pósto isto, vamos aos factos.

Como já tive ocasião de dizer aos nossos prezados leitores, o Governo belga recolheu as notas grandes (de 100 francos ou mais), dando em troca notas novas, franco por franco, ou ela por ela, como se diz vulgarmente, mas só até ao limite de dois mil francos por pessoa de família. Daí para cima, o excesso foi pósto numa conta de que o titular ou dono não podia retirar um centil até nova ordem. Por este processo ficou o Governo de posse da maior parte do dinheiro, em 1.º lugar. Mas além disso ficou a saber quem é que o tinha. E depois de saber quem o tinha, vai apurar donde

lhe veio. E aquele que tiver sido ganhador da invasão, está condenado a ir todo para o Estado a título de lucros de guerra.

O que o Governo fez com o dinheiro, fê-lo ao mesmo tempo com os depósitos nos Bancos e com os papéis de crédito. Com respeito às compras e vendas de propriedades lá estão os notários para o informarem.

É curioso o que já se apurou. Segundo o jornal «La Belgique Independante» de 2 de Novembro p. p., a maior declaração apurada até à data era de cem milhões de francos, três quartas partes das quais em notas de 100 francos. Todos estes papelinhos juntos pesavam mil quilos. O homem teve de alugar um caminhão para levar o dinheiro de casa!

Também se apurou que grande parte do dinheiro estava espalhado pelas aldeias. A gente das cidades preferiu comprar títulos ou outros valores, a guardar o dinheiro.

Averiguou-se também que nas aldeias, cerca de metade das declarações eram superiores a cem mil francos. Calculava-se em cem mil milhões de francos as notas em circulação de 100 francos ou mais, mas só foram manifestados noventa mil milhões. A média por pessoa (sete milhões de almas) é 13 mil francos e por família (à razão de 5 pessoas por família) é de 65 mil francos.

Conseqüentemente, cerca de metade das declarações deviam ser inferiores a 65 mil francos e a outra metade, superiores. Como cerca de metade foi superior a cem mil francos, segue-se que o dinheiro estava concentrado relativamente em poucas mãos.

«VOZ DA FATIMA»

DESPESA

Transporte ... ..	2.766.524\$43
Papel, comp. imp. do n.º 267 ... ..	32.013\$50
Franq. Emb. Transporte do n.º 267 ... ..	7.015\$35
Na Administração ... ..	320\$00
<b>Total ... ..</b>	<b>2.805.873\$28</b>

Esmolas desde 20\$00

- João Gaultart Garcia, Madalena, 20\$00; D. Clara Maria, Alborrol, 42\$;
- Cónego Esmal Augusto Guedes, Lamego, 50\$00; D. Maria Monteiro Capelo, Guarda, 20\$00; D. Maria Isabel de Vasconcelos, Pôrto, 50\$00; D. Emilia de V. Coelho Bragança, Coimbra, 20\$00; José Garcia S. Ferreira, Dom Durão, 20\$00; D. M.ª da Conceição Aleixo, Faro, 60\$00; Anónima, Lisboa, 50\$00; D. Maria F. Botelho, Escalvos de Cima, 20\$00; José Joaquim Moutinho, Telões, 30\$00; D. Olinda E. V. Gonçalves, Pôrto, 20\$00; D. M.ª do Carmo F. Charrua, Mértola, 31\$20; António Maria Brás, Paredes, 25\$00; José Luis Gonçalves Ramada, Fátima, 50\$00; António Lopes Leal, Cadaval, 20\$00; D. Branca Coelho da Mota, Rio-Tinto, 20\$00; José Joaquim Henriques, Brasil, 105\$00; D. Ana V. Formigal Moraes, Lisboa, 20\$00; Augusto da Costa Macedo, Lisboa, 20\$00; D. M.ª da Costa R. Teles, Coeche, 200\$00; D. Angelina Augusta Costa, Ranhados, 20\$00; D. Beatriz Santos, Lisboa, 20\$00; D. Maria E. F. de Sousa Cabral, Baião, 20\$00; D. Aurélio Carvalho Henriques, Lisboa, 20\$00; José de Moura Silva, Satã, 20\$00.

Quando precise de um jornal diário, o católico deve pedir sempre as «Novidades».

Pacheco de Amorim

larmente fecunda, os clássicos portugueses.

Das grades dos quartos de malta Ana Plácido, com uma altivez romântica, altivez de perdição, afrontou durante meses a moral informadora dos costumes da cidade.

Urbino de Freitas foi lá velado e defendido pela esposa, que deu a todos o inolvidável exemplo da sua dedicação heróica e comovedora.

A espera de julgamento, os indigitados autores do crime de Serroazes...

Mas a cadeia do Pôrto, apesar da sua celebridade, lembra aqueles sepulcros branqueados de que fala o Evangelho. Por dentro, na parte destinada a abrigar os reclusos, que desmentido tremendo ao conceito cristão — resgatador e edificante da pena!

Paredes húmidas, escadas íngremes, portas dantescas, corredores abafados e como ponto de reunião e de recreio, talvez, um pátio estreito e sombrio, até onde, mesmo em dias claros, o sol não pode descer. As enxovias são realmente antros lugubres e doentios, como já dizia Pinho Leal no seu tempo. Em algumas delas mais de cem reclusos a comer e a dormir, num empilhamento, que, fora de lá, mal se pode imaginar.

Que cheiro, que ambiente, que desconforto, que desesperança sórdida exparsa por todas aquelas salas! Aparte a promiscuidade, é uma espécie de prolongamento trágico das ilhas que escurentam ainda alguns bairros da cidade... Diga o que disser a lei, naqueles antros mantém-se a pena de morte.

Desceu lá de noite, à luz de lâmpadas frouxamente irradiantes, o actual ministro da Justiça, Doutor Cavaleiro Ferreira. Lembra o dizer do credo: descendit ad inferos. Nunca o fez, que eu saiba, qualquer outro membro do governo.

Não se julgando devidamente esclarecido com informações e relatórios, quis ver a cadeia por dentro, vê-la toda. E viu!

Aqui e além falou com presos, que apesar de não saberem quem ele era, viam com simpatia e esperança aquele senhor tão novo, que queria conhecer de perto a vida das enxovias. Para aquela pobre gente — fêz-me tanta pena! — a justiça foi então uma espécie de sol da meia-noite...

Ao sair de lá, amargurado e triste, o Ministro disse a alguém: — se deixo a pasta sem melhorar o alojamento destes reclusos, fico com um remorso para toda a vida.

Desnecessário será dizer que esta visita foi para toda a cidade uma gratíssima e abençoada surpresa.

Correia Pinto

PALAVRAS DE UM MÉDICO

(3.ª Série)

II

O SENHOR O VEJA DAR!

As condições trágicas em que se debate o mundo fizeram aumentar a miséria por toda a parte.

Até nós, que vivemos em paz, vemos crescer pavorosamente o número dos desempregados e dos mendigos.

Tanto uns como outros nos merecem a maior comisseração e simpatia, apesar da sua tão freqüente falta de educação.

Não é raro chegar-se a nós, a pedir socorro, um desempregado a cair de bêbado, e a cada passo se aproxima de nós um rapaz, escondendo atrás das costas um cigarro aceso, a pedir um tostãozinho para pão.

Muitas vezes, os pedintes são arragantes: quasi não pedem, mas exigem, e não têm uma palavra de agradecimento para quem os auxilia.

Mas, felizmente, não é sempre assim. Desde que li certas páginas de um famoso livro do grande escritor italiano Edmundo de Amicis, gosto de encarregar o meu Nêtinho de dar esmola aos pobres que encontro.

E quasi sempre noto sinais de gratidão pela esmola e pela caricia do meu Menino: — «Deus o crie para boa sorte!»

Muitas vezes ouço com satisfação a frase: tão grata e tão portuguesa:

«Seja pelas alminhas das suas obrigações!»

Mas, em geral, é tão boa a nossa gente humilde, é tão impregnada de beleza a nossa terra, que até em bocas de mendigos encontramos, às vezes, doce poesia.

Uma vez, pelo Natal, ao dar esmola a uma pobre, tive esta recompensa: — «Deus lhe dê muito que dar...»

Certo domingo, à porta de uma igreja, ouvi o mais tocante agradecimento que jamais chegara aos meus ouvidos. Estava uma pobre cega, velha e macilenta, de mão estendida, sem articular uma palavra de súplica.

Pessoa que me acompanhava deixou cair uma moeda naquela mão e, só por esse contacto, é que a cegueira pôde tomar conhecimento de que tal pessoa caridosa, que ela não podia ver, a socorria.

A pobre cega, pobre de bens terrenos e rica de bons sentimentos, cega dos olhos do corpo, mas de alma vidente, extraiu do coração este lindo agradecimento: — «O Senhor o veja dar!»

Sim: confiemos que Deus vê sempre os que fazem bem e os que têm bons sentimentos.

J. A. Pires de Lima